

É ‘barbárie’, ‘genocídio’, ‘holocausto’, ou “massacre”?

(60 depois de Auschwitz é preciso fazer mais do que distinguir conceitos)

Raymundo de Lima - ray_lima@uol.com.br

*"Alinhe-os contra uma parede,/ Fuzile-os e observe-os morrendo./ Adoro ouvir sua agonia:/
Eles vomitam, gritam e choram".*

Mieske

"A história da humanidade é a história da barbárie"

J.-F. Mattei

"Há que endurecer, porém jamais perder a ternura".

Che Guevara



No Iraque, insurgentes degolam civis e soldados norte-americanos humilham prisioneiros iraquianos em fotos divulgadas pela Internet. Em Madri, terroristas explodiram trens que transportavam trabalhadores numa manhã ao se dirigirem para o trabalho. Em Israel, ônibus lotados de civis são explodidos por homens-bomba. Na Rússia, uma escola é transformada em campo de concentração e matadouro de crianças nos moldes nazistas. Em vários lugares da África, a população é obrigada a morrer de fome, ou pelo facão do grupo rival. No Brasil, moradores de rua, indefesos, são covardemente mortos a pauladas.

O noticiário tem usado a palavra ‘barbárie’ para representar morticínios aparentemente irracionais de grandes proporções. Mas, invariavelmente também tem sido usadas palavras semelhantes, tais como: ‘genocídio’, ‘crime hediondo’, ‘holocausto’, ‘massacre’, ‘chacina’, etc. Adiantando o que será comentado mais à frente (item 3), por exemplo, a palavra “holocausto” foi cunhada para ser referir apenas aos crimes dos nazistas cometidos em escala inimaginável principalmente contra os judeus.

A intenção desse artigo não é reduzir o fato criminoso a um simples formalismo de linguagem. Longe disso, é um pretexto para lembrar o que jamais deve ser esquecido, e denunciar as novas ocorrências, sem no entanto descuidar do uso da linguagem, que jamais é neutra, mas pode ser usada para “enfeitiçar” nosso entendimento da coisa acontecida, como diz Wittgenstein. Começamos, então, pelo significado e uso atual da palavra *barbárie*.

1. Barbárie

A palavra ‘barbárie’ originalmente foi empregada pela mentalidade eurocêntrica, que se considerava o exemplo de organização social civilizada. Foi Vico [1638-1744] que cunhou de ‘barbárie’ o estado primitivo ou selvagem de indivíduos ou grupos que não teriam evoluído rumo ao estado de homem ocidental civilizado. A barbárie passou a se opor ao humanismo, ou seja, é um ato considerado ‘desumano’ porque não respeita os fundamentais valores conquistados no campo da ética, do direito, da ciência, da democracia pluralista e da própria organização social. No século 20, o termo ‘barbárie’ sofreu uma virada de sentido com as pesquisas antropológicas que reconheceram as demais culturas humanas não brancas também eram dotadas de organização social racional, tinham valores e preceitos morais próprios, portanto, eram civilizadas. Essa virada, com C. Lévi-Strauss, chegou-se ao extremo de considerar que bárbaro autêntico é aquele que apenas denuncia a barbárie do vizinho e não se dá conta de reconhecer sua própria barbárie.

Wittgenstein observou que o *uso* da palavra, determinado por certas contingências, muitas vezes perverte o seu sentido original ou etimológico. Por exemplo, no Brasil, entre as décadas de 60 e 70, surgiu um modismo lingüístico que empregava a palavra ‘bárbaro’ representando o

'bom', o 'bonito', a coisa 'interessante', o 'novo'. Assim, "Fulano de tal era considerado bárbaro!", "Que coisa bárbara!", são frases que representavam algo novo, interessante e bom. Aproveitando o clima da época, Caetano Veloso, Maria Betânia, Gal Costa e Gilberto Gil – hoje Ministro da Cultura do Governo Lula – batizaram o seu show de "Os doces bárbaros".

Todavia, nos dias de hoje, no início do terceiro milênio, a palavra 'barbárie' passou a significar o sentido originalmente negativo; passou a ser empregada para caracterizar um ato criminoso em que os civis são o alvo, cujos requintes de perversidade, até então impensável, representam um retrocesso no processo civilizatório. Uma vez que o ato de guerra é dirigido contra forças militares convencionais, o *ato de barbárie* é rotineiramente dirigido contra alvos civis, e, nesse sentido, é considerado um ato covarde e repulsivo. Quando iraquianos dançaram em volta de corpos de soldados norte-americanos queimados e pendurados em postes, logo, foram considerados pela mídia de 'bárbaros'. Da mesma forma a decapitação, abolida depois da revolução francesa de 1889, também hoje é considerada um ato de barbárie. Matar a pauladas moradores de rua (Brasil) ou usar facões para decepar braços e pernas de crianças (Ruanda), são considerados atos de barbárie. A escravidão conduzida pelo homem branco cristão maculou para sempre a história da humanidade, é inegavelmente uma barbárie nascida na civilização branca ocidental.

O filósofo J. Racière (2004) refere-se como 'bárbaros', na atualidade, os jovens habitantes ainda não socializados das periferias que fazem algazarras ou praticam violência contra os passageiros dos transportes coletivos, contando com a indiferença e falta de solidariedade das pessoas ditas civilizadas diante do sofrimento dos outros. A globalização econômica, embora fazendo uso de instrumentos da civilização, termina causando efeitos bárbaros de exclusão social, de competição insana entre nações, grupos e pessoas, aumento da criminalidade, etc.

Mas, a barbárie consegue maior visibilidade quando o crime de morte aparece em grandes proporções, numa forma antes impensável e surpreendente, obtendo imediato destaque de espetáculo na mídia. Assim, os assassinatos dos moradores de rua de São Paulo e Belo Horizonte são considerados atos de barbárie, a matança de crianças são igualmente atos de barbárie, ou até mesmo podem ser tipificados como genocídio.

2. Genocídio

O '**Genocídio**' [do latim *genus* = família, raça, tronco, do grego *genos* e *caedere* = matar, cortar] é uma palavra cunhada por Raphael Lemkin em 1944 para especificamente se referir à política do governo nazista de extermínio completo dos judeus, ciganos, comunistas e homossexuais. Até então a humanidade não tinha sofrido nada igual; nunca o crime foi imaginado, racionalmente planejado e executado pelo Estado, em proporções gigantescas. O *crime de genocídio* constituiu uma das acusações contra os líderes nazistas no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg em 1944, e, posteriormente, passou a vigorar na ONU sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio (UNGIC), que entrou em vigor em 1951, mas até hoje raras vezes foi aplicado. Lemkin imaginava que a palavra *genocídio* poderia evocar nas pessoas uma atitude de repulsa ao crime de massa e de luta pelos direitos humanos.

O genocídio quer dizer algo mais que um *massacre* ou *chacina* total ou parcial de um grupo, mas *sim a continuada e persistente prática de extermínio em massa praticada principalmente por um governo*. A rigor, o **genocídio** é definido como "**crime contra a humanidade, que consiste em cometer, com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, qualquer dos seguintes atos: I) matar membros do grupo; II) causar-lhes lesão grave à integridade física ou mental; III) submeter o grupo a condições de existência capazes de destruí-lo fisicamente, no todo ou em parte...**". (Dic. Aurélio). Também é considerado genocídio, a *interdição da reprodução biológica e social de membros de grupos étnicos, bem como também a prática de terror contra supostos inimigos reais ou potenciais*. O Brasil regula e define o *genocídio* pela Lei no. 2. 889, de 1º. de outubro de 1956. A Lei no. 8.072, de 25-07-1990, o considera como "crime hediondo" e, como tal, insustentável de anistia, graça, indulto, fiança e liberdade provisória.

É curioso que o genocida geralmente utiliza mecanismos de defesa psíquica como a *racionalização* e a *intelectualização* tentando desse modo justificar o seu ato como de "legítima defesa", proteção contra o "intruso"; ou seja, o *outro* é sempre visto como "perigoso", "inferior", "estrangeiro", "infiel", "selvagem", "coisa" ou "objeto", enfim, o 'outro', o 'diferente' é sempre considerado um problema para a existência do genocida; como é marcado na sua singularidade, o 'outro' não é visto como ser humano total, não é 'humanizado' em sua

condição de ser existente. Não podemos esquecer, por exemplo, que o ditador Saddam Hussein é acusado de cometer crime de genocídio contra os curdos, que Milosevic, é igualmente acusado de crimes de genocídio - "crimes contra a humanidade" - tal como foram primeiramente acusados e condenados pelo Tribunal de Nuremberg, o alto comando do governo nazista. É sabido que na pauta da política dos sérvios chefiados por Milosevic, existia a chamada 'limpeza étnica' contra os que eles consideravam 'inferiores', resgatando desse modo a ideologia da "solução final" do governo nazista de Hitler, que via principalmente nos judeus uma ameaça econômica e racial para a supremacia da raça ariana.

Pode-se dizer que existe uma "razão genocida", que constrói campos de concentração, elabora um plano de economia sustentada no trabalho escravo de prisioneiros, também elabora um discurso pretensamente moral sobre a "legitimidade", a "racionalidade" e mesmo a "virtuosidade" do extermínio em massa de pessoas de todas as idades.

É necessário denunciar que o crime de genocídio do Estado ou de qualquer ato de barbárie de grupos extremistas, embora pareçam ser irracionais, na verdade, são cometidos em nome de alguma causa 'justa', uma 'lógica do bode expiatório' (Zaluar, 2004). O ato monstruoso sempre recorre a uma moral tosca cuja razão cínica satisfaz aos irmãozinhos que compartilham com a mesma crença, que acreditam nas sombras dogmáticas projetadas por um psiquismo esclerosado. Muitas vezes quem pratica o grande massacre se coloca como vítima, justificando que foram 'obrigados' a praticar o ato monstruoso por 'defesa própria' ou por 'virtude'. Ou seja, os grandes massacres "*sempre foram feitos em nome da religião verdadeira, da ideologia justa, do racionalismo legítimo, etc*" (Japiassu, 2001 citando F. Jacob).

Depois de Auschwitz, a razão está sob suspeita. A razão não precisa estar dormindo para produzir monstros. Pior, quanto acordada, a razão produz os piores e inimagináveis monstros e monstruosidades que a própria razão desconhecia ser capaz de cometer. Não podemos mais confiar em qualquer discurso racional, ético ou moral, porque em nossa época até a razão e a linguagem são usadas para fins irracionais. Cada vez mais – infelizmente – a razão cínica é usada para forjar uma moral do ato criminoso, especialmente quando este foi cometido em escala até então inimaginável, como foi o genocídio cometido pelos nazistas, soviéticos, sérvios, sunitas, tribos africanas, enfim, não importa se em nome da "supremacia da raça ariana", da "da causa socialista", ou da causa supostamente 'santa' que levou, por exemplo, ao massacre das crianças de Beslan.

3. Holocausto

A palavra **holocausto** [gr. *Holókauston*], originalmente, significava o "sacrifício em que a vítima – um animal - era queimada inteira", tendo assim um sentido de imolação ou expiação. No período nazista, entre 1935 e 1945, os judeus se viram diante de um novo holocausto, sendo obrigados à perda da cidadania, a trabalhos forçados, a suportarem a brutal separação dos membros da família inclusive de crianças, a serem fuzilados em massa, a serem transportados pela força para os campos de concentração onde terminavam sendo exterminados coletivamente em câmaras de gás. Durante o holocausto, cerca de 6 milhões de judeus foram assassinados para cumprir o que os nazistas chamavam de 'solução final'.

Segundo alguns analistas, o emprego da palavra **holocausto** teve o intuito de significar mais que a palavra 'genocídio'. C. Lash (1990), por exemplo, argumenta que "*o massacre dos judeus tornou-se holocausto porque a palavra "genocídio", numa época genocida havia perdido a capacidade de evocar os sentimentos apropriados aos fatos que procurava caracterizar. Ao buscar uma linguagem ainda mais extrema, os historiadores do holocausto contribuíram para a degradação do "genocídio" (...). Contra os poloneses e outros povos cativos da Europa oriental, Hitler praticou o que pode ser denominado de genocídio, de acordo com Y. Bauer (...).* [isto é, a política nazista assassinou sistematicamente judeus, e, também, comunistas, homossexuais, ciganos, Testemunhas de Jeová, e todos as pessoas consideradas 'inferiores'. No entanto], "**é preciso alertar que somente os judeus experimentaram um holocausto**" (Lash, 91). Portanto, mais do que o genocídio, a palavra **holocausto** passou a ser empregada com o sentido de extermínio em massa racionalizado e insano dos judeus, coisa que era "impensável" até acontecer de fato como o maior acontecimento trágico do século 20.

Entretanto, o termo holocausto "*tornou-se um slogan judeu válido para qualquer assunto sobre o qual se converse*", na expressão de Jacob Neusner,

“uma espécie de palavra-chave judaica para o mal-estar comum. Uma sociedade formada por pessoas que se vêem como vítimas e sobreviventes encontra em Auschwitz a mitologia consumada da vitimização e da sobrevivência. Rejeitando a única lição que Auschwitz têm para oferecer – a necessidade de uma renovação da fé religiosa, a necessidade de um compromisso coletivo com condições sociais decentes – ela estuda minuciosamente os registros históricos em busca de um ensinamento que Auschwitz provavelmente não pode render: como sobreviver a um holocausto. A Solução Final tornou-se uma obsessão particular dos judeus porque a mitologia do holocausto ajuda a manter a identidade étnica judaica, como apontou Neusner, num período do qual a identidade dos judeus não é definida pela religião; mas ela se tornou uma obsessão geral porque carrega a promessa falsa e sedutora de ingressos na tecnologia da sobrevivência”.... O holocausto tornou-se um ‘vale-tudo’ literário e político.

Hoje, quando se levantam protestos contra os atos criminosos do Governo de A. Sharon contra os palestinos, os judeus ultra-ortodoxos imediatamente sacam de lugar de “vale tudo” sua condição de vítimas supostamente indefesas cercadas por estados árabes ou por supostos terroristas islâmicos. O ‘muro da vergonha’ de Sharon, em construção, além de ser ato unilateral e bárbaro, divulga um discurso vitimista e neofascista.

4. Barbárie X civilização

Num artigo de 1968, Adorno, influenciado pela psicanálise, diz entender por **barbárie** a agressividade primitiva humana, os impulsos de destruição que tem por propósito destruir as conquistas da civilização, tais como a ética, o direito, a democracia pluralista, as ciências, a idéia de progresso, etc.

No seu tempo, Adorno (1995b) apontava como a maior das barbáries o genocídio praticado pela política nazista de extermínio em massa de judeus, comunistas, testemunhas de Jeová, homossexuais, bem como o ato criminoso de qualquer Estado totalitário – nazi-fascista ou comunista – contra os opositores reais ou virtuais. No sistema democrático capitalista, o pensador alemão também identificou a barbárie na arte, na cultura, na educação, na mídia, cujos sintomas uma reação desproporcional em ato que faz oposição aos avanços da civilização’. O autor alemão considera a falência da cultura e da educação a “razão objetiva da barbárie” (1995a: 164); a barbárie se autoriza numa sociedade onde a cultura e a educação deixam de ser prioridade tanto do governo como da sociedade civil.

Estaríamos hoje vivendo um processo de *barbarização* em todos os setores da sociedade. A falta de respeito para com o próximo, a falta de vergonha, a atitude dogmática e esclerosada do pensamento, a recusa em reexaminar as posições conservadoras, a indiferença para com o sofrimento dos outros, a incapacidade de identificação com os diferentes, os chamados crimes de ódio, os atos amoucos cada vez mais freqüentes, a crença de que somente a “lei do cão” é capaz de consertar o mundo injusto e desigual, são alguns dos sintomas de barbárie do nosso cotidiano.

Em hipótese alguma podemos esquecer que *as conquistas do estado de direito democrático – mesmo imperfeito e ditado pelo liberalismo capitalista - do conhecimento científico, não podem ser anulados em nome do tradicionalismo ou do irracionalismo que se estabelece antes pelo terror do que pelo convencimento.* A única garantia da humanidade ainda se sustenta numa certa confiança na razão, na ética e no diálogo entre diferentes. O pseudo-argumento de que “estou recorrendo ao genocídio, ou ao massacre deste ou daquele grupo social como último recurso, porque eles são mais terroristas do que eu”, deve ser desmascarado como imoral e ilógico. Dizer que a barbárie cometida contra as crianças da escola de Beslan vem da política do governo de Putin, não a faz menos barbárie. Nada justifica o assassinato de crianças, diz o cineasta Mikhalkov. Um único ato de barbárie faz a humanidade retroceder no que considera avanço de civilização.

“Eles não assumem o que fazem”

Aquele que comete qualquer ato bárbaro jamais se identifica como sujeito de seu ato monstruoso. E, jamais se identifica com suas vítimas. Susan Sontag (2003) observa que tanto os chefes nazistas como os chefes que comandaram as atrocidades de Camboja, de Sarajevo, em Ruanda na África ou em Beslan na Rússia, não se identificam com suas vítimas e seu

desespero. E, nunca assumem seu ato como monstruoso, isto é, quanto mais absurdo e cruel é caracterizado o crime cometido maior é a negação do criminoso.

Os nazistas sempre dirão que o genocídio ou holocausto foi uma encenação montada para as câmeras. O neonazista até hoje nega veementemente o holocausto. Divulgam que os judeus fizeram aquele filme projetado no Tribunal de Nuremberg como uma farsa de Hollywood. A mesma atitude teve o diretor de propaganda em favor do ditador espanhol Franco ao afirmar que *“foram os bascos que destruíram Guernica, sua própria cidade, e ex-capital, em 26 de abril de 1937, pondo dinamite nos esgotos (numa versão posterior, lançando bombas fabricadas em território basco), com o intuito de despertar indignação no exterior e revigorar a resistência republicana”*. Na guerra dos Bálcãs a maioria dos sérvios residentes na Servia ou no exterior sustentavam, até o fim do cerco sérvio a Sarajevo, e mesmo depois, que os próprios bósnios haviam perpetrado o tenebroso “massacre da fila do pão” em maio de 1992, e o “massacre do mercado” em fevereiro de 1994, despejando bombas de alto calibre no centro da sua capital ou instalando minas a fim de criar cenas especialmente horripilantes para as câmeras dos jornalistas estrangeiros e angariar mais apoio internacional para o lado bósnio. (Sontag, op. cit. , 15). G.W. Bush nos EUA, A. Sharon em Israel, e V. Putin na Rússia, e tantos outros políticos de feitiço tirânico manipulam a mídia para seus próprios interesses, construindo sua permanência no poder e sua política unilateral e agressiva sustentando um discurso persecutório da ameaça terrorista internacional. De um lado como de outro, a incapacidade de identificação com o *outro* em seu sofrimento, miséria, intolerância e irracionalismo, promovem no mundo mais barbáries que nossa razão não pode imediatamente entender.

5. Esperança na era de Aquarius ou na educação?

Nesse quadro de perspectivas sombrias, Adorno e Arendt (1972), já no pós- guerra, sustentavam esperança na **educação** e na **cultura** – e não na repressão policial, na guerra ou no terror. Inicialmente caberia a educação e a cultura um papel fundamental para evitar a metástase da barbárie no mundo. Cabe a escola, a universidade e a mídia uma importante função: ser agentes da civilização. “O professor é um agente que ajuda a sustentar a civilização”, diz M. Oakeshott (s.d.).

Diante do crescente risco de barbarização dos valores da civilização, é que Touraine, dentre vários filósofos de nossa época, vem a público dizer que é preciso dar *“prioridade para a preservação das conquistas da civilização tais como o estado de direito, o respeito e o convívio para com as diferenças humanas, a livre garantia de troca e de debate de idéias, a difusão do conhecimento científico e a sustentação do ensino laico, esta última como uma conquista do iluminismo*, como declarou A. Touraine (2004).

A **educação**, mais especificamente, o ‘ensino’ [e não a ‘doutrinação’ baseada em livros religiosos ou laicos tomados como dogma], quando investem na manutenção das conquistas humanas fundadas no conhecimento dialógico, pode contribuir para evitar prevenir a metástase da barbárie no todo da sociedade. Porém, o conhecimento científico, a idéia de progresso, e a razão prática, não garantem evitar que a civilização se sustente. Adorno (1995a), por sua vez, é enfático quando observa que a **“questão mais urgente da educação contemporânea é a desbarbarização” da humanidade (...); a desbarbarização da humanidade é a precondição imediata da sua sobrevivência**” (1995b: 101-103).

Se para Marx “a história da humanidade é a história da luta de classes”, para J.-F. Mattei (2000) **“a história da humanidade é a história da barbárie”**, ou a tentativa de se evoluir minimamente dela. A educação, o ensino e as artes constituem quase que exclusivamente formas de evolução da barbárie.

A barbárie prova a cada dia ser constitutiva da humanidade. *“Um animal ou um Deus não pode cair em barbárie, pois o animal, puro instinto, ou o deus, pura razão, para empregar a linguagem de Pascal, estão abaixo ou acima do humano”* (Mattei, 2002 : 58). **Só o homem pode cometer atos de barbárie**, porque como é fruto da cisão entre razão e pulsão-instinto, do entendimento e da paixão, a pulsão não educada ou não civilizada suficientemente, pode levar um sujeito ou grupo humano aos desatinos sem volta.

O grande perigo da barbárie hoje é ter pretensões apocalípticas de destruição da humanidade e do próprio planeta. Entretanto, há otimistas – que bom que eles ainda existem - que entendem que nossa dimensão *demasiadamente humana* pode ser **educada** e transformada

em desejo canalizado em prol da **cultura**, da **linguagem dialógica** e da construção de uma verdadeira **civilização** dotada sobretudo de **sabedoria**.

O autor do poema está preso nos EUA, por assassinar um mendigo. Citado por Alba Zaluar, **Folha S. Paulo-Cad. Mais**, 29/08/2004.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Nova Fronteira, 2000, p. 104-5.

DUROZOI, G. & ROUSSEL, A. *Dic. De filosofia*, Papirus, 1993.

Sontag, 2003, p. 13.

Usualmente são empregados: "massacre do Carandiru", "massacre dos moradores de rua" e "chacina de Vigário Geral", "chacina da Candelária" ...

Segundo o dicionário, 'hediondo' é: sórdido, repelente, repulsivo, horrendo, pavoroso, sinistro, medonho, imundo, etc. (Dic. Aurélio).

SILVA, P. *Dic. Jurídico*, 2003, p. 656.

Conferir a interessante análise de Becker, S., "A criação da representação de coisa 'judeu-objeto'", 1990, pp. 59 e ss.

O **Dicionário do Pensamento Social do Séc. XX** (1996) acrescenta o genocídio como efeito do poder 'revolucionário e totalitário, exclusivo de ideologias nacionalistas, fascistas e comunistas. "No pós-guerra, foi prática dos novos estados, especialmente os estados com governos comunistas ou autoritários". Diz, ainda, que o genocídio geralmente vem associado com a pilhagem.

Sergio Becker, psicanalista e autor do livro "A fantasia da eleição da eleição divina – Deus e o homem." (Rio: Ed. C. de Freud, 1999, a meu pedido, esclarece que "os hebreus realizavam o holocausto de animais (...), eles não imolavam vítimas humanas, o que é impensável. Também esclarece que "o termo holocausto foi cunhado por Eli Viessel, autor sobrevivente do nazismo e vencedor do prêmio Nobel da paz". (e-mail recebido em 29/12/2004).

Embora a barbárie e o genocídio sejam acontecimentos realmente trágicos, o sentido aqui deve ser empregado com reservas. É mais correto usar a palavra "trágico" para eventos ou acontecimentos determinados pela fúria da natureza ou determinados pelo acaso. Os terremotos, maremotos, a erupção de vulcões, uma tempestade entre outros fenômenos da natureza geográfica ou climática ou mesmo um acidente de carro, uma trombada de trem, são eventos "trágicos". Ainda, segundo G. W. Most (2001) deve-se distinguir o "**trágico**" da "**tragédia**"; a primeira palavra refere-se a eventos "trágicos" enquanto que as "tragédias" referem-se a um gênero dramático específico de literatura que floresceu muito raramente na cultura ocidental, sobretudo na Grécia antiga, em Atenas, no séc. V a. C. O "trágico" deve ser entendido segundo os acontecimentos que fatalizam o cotidiano da vida do ser humano, donde seguem algumas características: 1) a eventos reais ou situações tristes; 2) envolve separações abruptas e perdas irreparáveis, em que a morte é não natural, isto é, *imprevisível, desnecessária e prematura*; 3) uma certa crença em um inevitável destino funesto dos acontecimentos e dos personagens. (Cf.: MOST, G. W. "Da tragédia ao trágico". In: **Filosofia e literatura: o trágico na Filosofia Política**. V. 3/ 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 20-35).

Lash, C. **O mínimo eu – sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Brasiliense, 1990 : 100. O grifo é meu.

Transcrevo esse fragmento do sociólogo (marxista?) alemão R. Kurz (2001) sobre o ato "amouco": "Em 1997, na cidade de West Paducah (Kentucky), um adolescente de 14 anos matou a tiros, após a oração matinal, três colegas de escola, e cinco outros foram feridos. Em 1998, em Jonesboro (Arkansas), um menino de 11 e um de 13 anos abriram fogo contra sua escola, matando quatro meninas e uma professora. No mesmo ano, em Springfield (Oregon), um jovem de 17 anos matou a tiros em uma "high school" dois colegas e feriu 20 outros. Um ano mais tarde, dois jovens de 17 e 18 anos provocaram o célebre banho de sangue de Littleton (Colorado): com armas de fogo e explosivos, eles mataram em sua escola 12 colegas, um professor e, em seguida, a si próprios. Na Europa, esses massacres em escolas foram de início interpretados, ainda no contexto do tradicional antiamericanismo, como consequência do culto às armas, do darwinismo social e da escassa educação social nos EUA (...). Na pequena cidade canadense de Taber, apenas uma semana após o caso de Littleton, um adolescente de 14 anos disparou ao seu redor, matando um colega de escola. Outros massacres em escolas foram notificados nos anos 90 na Escócia, no Japão e em vários países africanos. Na Alemanha, em novembro de 1999, um ginásiano de 15 anos matou sua professora, munido de duas facas; em março de 2000, um garoto de 16 anos matou a bala o diretor da escola e depois tentou se suicidar; em fevereiro de 2001, um jovem de 22 anos matou com um revólver o chefe de sua firma e depois o diretor de sua ex-escola para finalmente ele mesmo voar pelos ares detonando um tubo de explosivos. O recente ato amouco de um jovem de 19 anos em Erfurt, que, no fim de abril de 2002, durante o exame de conclusão do secundário, chacinou com uma "pump gun" 16 pessoas (entre elas quase o corpo docente inteiro de sua escola) e que em seguida atirou contra a própria cabeça, foi somente o ápice até agora de toda uma série (...) Um suíço de índole correta, que no fim de 2001 crivou de balas com uma pistola automática meio parlamento cantonal e depois se matou, chegou à triste celebridade mundial tanto quanto aquele universitário francês, graduado e desempregado, que poucos meses depois abriu fogo com duas pistolas contra a Câmara Municipal da cidade-satélite parisiense de Nanterre, matando oito políticos locais(...). [Enfim,] a bárbara "cultura do ato amouco" tornou-se há tempos, em muitos países, um acontecimento midiático periódico".

Para Kurz tanto o ato amouco como o ato terrorista parecem irracionais-loucos, impulsivos. Mas, na verdade, os sujeitos que cometem essa barbárie fazem uso da razão para planejar o crime em grades proporções como se fosse um espetáculo; eles eram cidadãos normais, vivendo o cotidiano como qualquer

um, até cometerem o ato de barbárie. Podemos suspeitar que ambos são efeitos sintomais de uma estrutura social perversa ou patológica.

No Julgamento de Nuremberg, ao ser mostrado um filme com cadáveres empilhados aos montes, muitos em estado de decomposição, e sobreviventes esqueléticos que mal podiam ficar em pé, o alto escalão nazista demonstrou incapacidade de sentir culpa, nem responsabilidade pelo genocídio, mas com tiradas cínicas tentavam buscar forjar argumentos como o de que eles nada sabiam sobre as barbaridades que ocorriam nos campos de concentração porque os que pertenciam ao alto escalão não estavam necessariamente a par com o que acontecia nos escalões inferiores. O efeito produzido por esses filmes nos acusados foi cuidadosamente observado pelo psicólogo Gilbert. Alguns, como Funk e Frank, choraram; outros como Speer e Fritzsche, ficaram prestes a chorar; Ribbentrop, Neurath, Schacht e von Papen recusavam-se a olhar; outros como Seyss-Inquart, e Streicher, assistiram, estoicamente. Hess murmurou: "Não acredito nisso". H. Goering, considerado o segundo depois de Hitler, assistiu o que chamou de "filme horrível" atribuiu o filme que mostrava as atrocidades como praticadas pelos russos e jamais pelos alemães. Ainda, embora tenha sido a inteligência que fosse o fundador dos campos de concentração a fim de eliminar a oposição, em sua defesa, Goering admitiu que não tinha conhecimento de tais coisas, portanto, não era o responsável direto pelo genocídio. Parece que somente Speer admitiu responsabilidade.

"A história da humanidade é uma história de horror", também é dito por Rémy, personagem central do filme canadense "As invasões bárbaras" de Denys Arcand (2003).

Referências bibliográficas.

ADORNO, T. Educação e emancipação. [trad. Wolfgang Leo Maar]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

ADORNO, T. Palavras e sinais. Modelos críticos 2. [trad.: Maria Helena Ruschel, revisão de Álvaro Valls] Petrópolis: Vozes, 1995b.

ARENDT, H. A crise na educação. In.: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BAUDRILLARD, J. A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1990.

BECKER, S. A fantasia da eleição divina: Deus e o homem. Rio: C. de Freud, 1999.

CHEMAMA, R. Dicionário de psicanálise. P. Alegre: Artes Médicas, 1995.

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉC. XX. [Editado por W. Outhwaite, T. Bottomore. Consultoria de A. Touraine, E. Gellner, R. Nisbet. No Brasil, por Renato Lessa e Wanderley G. dos Santos]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FREIRE COSTA, J. Narcisismo em tempos sombrios. In: Percursos na história da psicanálise. Rio: Taurus-Timbre, 1988.

JAPIASSU, H. Desistir de pensar? Nem pensar!: criando o sentido da vida num mundo funcional e instrumental. São Paulo: Letras & Letras, 2001.

KHEL, M. R & BUCCI, E. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KURZ, R. "A pulsão de morte da concorrência". *Folha de S.Paulo – Cad. Mais*, 26/05/2001.

MATTEI, J-F. A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno. São Paulo: UNESP, 2002.

RANCIÈRE, J. As novas razões da mentira. In: *Folha de S.Paulo, Mais!* 22/08/2004.

SILVA, P. Dicionário Jurídico. Rio de Janeiro: Forense: 2003.

SONTAG, S. Diante da dor dos outros. São Paulo: C. Letras, 2003.

Raymundo de Lima

Psicanalista, mestre em Psicologia Escolar (UGF) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). professor do Depto. Fundamentos da Educação (DFE) da Universidade Estadual de Maringá (Pr), e voluntário do CVV-Samaritanos de Maringá (PR).

E-mail: ray_lima@uol.com.br

Revista Espaço Acadêmico <http://www.espacoacademico.com.br>